

In Memoriam

*As organizadoras do Dossiê,
Danielle Magalhães e Juliana de Moraes Monteiro,
e toda a Equipe da Revista Dobra
dedicam este número a Sergio Carvalho de Assunção,
que faleceu no dia 13 de março de 2025,
pouco tempo antes desta publicação, da qual participa com um artigo,
além de já ter contribuído com a Revista no número 10.
Em ambos, publicou textos a respeito da literatura indígena contemporânea
realizada no Brasil, à qual vinha se dedicando com afinco.
Nascido no Rio de Janeiro, Sergio era poeta
(autor dos livros Flashbacks do Éden e Desembrutecer)
e Professor Visitante na Faculdade de Letras
da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba.
Lamentando esta perda precoce, inesperada e desoladora,
a Revista Dobra deixa aqui um abraço solidário
para sua esposa Eliza e sua filha Nina,
e a nossa homenagem a ele.*

Sergio Assunção

UMA SEREIA NO DESERTO

I

O dia amanhece, a névoa ainda cobre o horizonte
A cidade ficara para trás.

Gaivotas flutuam em direção ao oceano
Capturando meus olhos que adejam Teus sinais.

À beira do mar um velho índio entoia seu cântico
Eu me aproximo, atraído pelo som,
E sem me dizer qualquer palavra ele me estende sua mão
Oferecendo-me um chá cor de ocre,
Cheiro nauseante e forte
Como parte do seu cerimonial

O sabor é amargo e minha boca adormece
De olhos cerrados, ele sacode o chocalho
E dança, equilibrando-se num raio de sol

O gosto áspero da erva macerada em minha língua
A boca dormente movendo levemente o maxilar
Desprendo-me do tempo e do espaço
Ancorado apenas pelo ritmo da canção tribal

Calafrios, vertigens, zumbidos
O coração dispara e a visão desfocada
Arrepios espirais retorcem a espinha dorsal

O corpo é um feixe eletromagnético
Captando vibrações ao redor
Enquanto o pensamento
É só uma folha seca em meio ao vendaval

Estou caindo, suando frio
Descendo a corredeira
Girando no redemoinho
Tragado pelo turbilhão

Através do espelho, cruzo a fronteira
Onde tudo se abranda
Lentamente
Sob outro ritmo, outra dimensão

Como um véu que se recolhe
O que era oculto se revela
Transcendendo-me a visão

Sob o assobio do vento, o coração desacelera
Tocado pelas orquídeas e bromélias
Íbiscos e aloe veras
Entre outras plantas edênicas
Agitando suas pétalas aéreas

2

Dirijo-me à outra praia
O sol atravessa a folhagem
Multiplicando-se em pequeninos espelhos multicores

Cristais reluzem por toda parte
O pensamento se dissolve
Desabrochando-se em milhões de flores

Descalço pela trilha, sinto o cheiro do oceano
E, a cada passo, o estrondo das ondas
vai se avolumando

Mais um pouco a mata se entreabre
E avisto sua beleza nas ondas de esmeralda
Erguendo-se e estourando

Cego pelo brilho cristalino da turquesa
Corro em direção ao mar
Mergulhando no azul dos seus vitrais
Atraído pelo doce canto de uma linda sereia
Que me beija levando-me ao fundo
Lá onde o azul é mais puro
E o tempo é silente e turvo,
Imaculado esquecimento
E nada mais

Enfeitiçado, flutuo
Acorrentado pela sua voz lilás
Meus sonhos cintilam no mar profundo
Boiando em meio aos arrecifes de luminosos corais

3

Abro os olhos, meu corpo descansa na areia
E novamente ouço seu canto misturar-se ao vento
Deslizando como um slide

Ondas iridescentes explodem por toda parte
Enquanto mandalas gigantes giram no céu tie dye

No alto à minha direita
Cascatas de nuvens derramam-se sobre a encosta
Revelando as faces sombrias das potestades
Terrificadas diante da imagem sublime do Cordeiro

Ao longe, um alvoroço de pássaros à beira da praia
Amontoando-se sobre o cadáver da minha sereia
Que serve de banquete aos urubus

Desesperado, eu corro em sua direção
Mas é tarde demais
Ao meu lado, o velho índio contempla o horizonte
Entre o céu alaranjado e o oceano neon
Seus olhos refulgem o poente cor de magma

E a cada segundo o mesmo céu muda de tom

Por fim, vieram o silêncio e a solidão

E a sombra do universo me engoliu

Recolhendo-me, imperdoavelmente,

Na vertigem da escuridão anil.

[do livro *Flashbacks do Éden*]



